

Empresários apóiam idéia de liberar câmbio

Há consenso entre economistas e empresários de que, sem algum tipo de intervenção na economia, a inflação não deverá cair

IGABEL DIAS DE AGUIAR



A hipótese de o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, anunciar segunda-feira a liberalização

dos contratos de câmbio agrada a empresários e economistas. A idéia de que essa medida poderá ser associada a uma espécie de âncora cambial cria expectativa favorável em relação aos planos do governo. Embora a maioria concorde que não exista mais espaço para congelamento ou prefixação de preços, é quase consenso de que, sem algum tipo de intervenção na economia, a inflação não deverá cair, mesmo que as autoridades econômicas consigam promover o ajuste fiscal.

A liberalização dos contratos de câmbio, caso venha a ser adotada, deverá contribuir para uma rotina mais serena nas empresas, especialmente as de grande porte, que buscam recursos no mercado financeiro internacional.

Como devem em dólar, seus diretores financeiros passaram a viver aos sobressaltos. A possibilidade de poder deixar parte das reservas de caixa em papéis indexados ao câmbio pode estimular as empresas a buscar maior volume de recursos no Exterior, onde a taxa de juros é mais baixa. Contribuiriam, assim, para aumentar ainda mais o ingresso de divisas no País, segundo raciocínio do diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Boris Tabacof.

Facilidade — A medida também poderá facilitar a vida do governo, diz o professor da Faculdade de Economia e Administração da USP, Guilherme Leite da Silva Dias. Ao autorizar exportadores e investidores estrangeiros a manter contas em moeda estrangeira ou adquirir papéis indexados ao dólar, o Banco Central não será mais chamado a converter esses recursos em cruzeiros, emitindo moeda. Boa parte da dívida in-

terna é fruto dessas operações. Para fazer a operação, o Banco Central é obrigado a colocar títulos no mercado e a pagar taxas elevadas de juros no mercado financeiro doméstico.

Âncora — A criação de um índice baseado na variação da taxa do dólar, numa espécie de âncora cambial, que passaria a ser administrada pelo governo, também agrada aos empresários. Isso permitiria acabar com a multiplicidade de índices que confunde os agentes econômicos. Empresários, profissionais liberais e consumidores poderiam organizar melhor os orçamentos. Os índices aplicados na atualização dos valores estão enrijecidos, diz Tabacof. Dificilmente eles sairão do nível dos 30% sem uma intervenção drástica na economia. Já um indexador baseado no dólar poderá flutuar livremente e acompanhar com maior liberdade as tendências do mercado.

A dolarização pura e simples, nos mesmos moldes da adotada na Argentina, não seria adequada, já que a maioria da população não está familiarizada com a moeda estrangeira e o governo, apesar do nível elevado de reservas cambiais, não disporia de recursos para fazer frente à medida.

Informalidade — A âncora cambial tornaria formal o que hoje é utilizado de forma informal por muitos segmentos da sociedade. "Seria o fim da hipocrisia", declarou o presidente do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis, Roberto Capuano. "Basta ir a uma feirinha de antiguidades para ver como os comerciantes fixam os preços baseados no dólar com familiaridade."

Tabacof acha também que o tempo de manter as operações de câmbio restritas ao governo já passou. Isso, informou, acontecia quando o País tinha problemas com o balanço de pagamentos e precisava estabelecer prioridades para aplicar as reservas. "Agora não temos escassez de divisas e o governo tem cacife para inibir a especulação."